

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

RESUMO:

O texto reflete sobre a evolução da Museologia, enfatizando a importância de reconhecer e incluir corpos e identidades dissidentes que historicamente foram apagados. Destaca a influência de movimentos sociais, como o ativismo LGBT, na formação de uma Museologia mais inclusiva e crítica. O autor menciona a necessidade de desnaturalizar o modelo tradicional de museus, propondo que as instituições devem agir como espaços de resistência e valorização da diversidade. Através de experiências e parcerias, como a do curso de Museologia da UFSC, busca-se formar profissionais que contribuam para uma Museologia conectada à vida e à sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia, Identidade, Diversidade, Resistência, Ativismo LGBT.

ABSTRACT:

The text reflects on the evolution of Museology, emphasizing the importance of recognizing and including dissident bodies and identities that have historically been erased. It highlights the influence of social movements, such as LGBT activism, in shaping a more inclusive and critical Museology. The author points out the need to deconstruct the traditional model of museums, proposing that institutions should act as spaces of resistance and valorization of diversity. Through experiences and partnerships, such as that of the Museology course at UFSC, the aim is to train professionals who contribute to a Museology connected to life and contemporary society.

KEYWORDS: Museology, Identity, Diversity, Resistance, LGBT Activism.

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

Brevíssima Introdução

Um evento sobre Museologia que tenha como foco principal os corpos e identidades dissidentes, outrora apagados ou sub representados nos museus não é algo que poderíamos imaginar enquanto coletivo há 20 ou 30 anos atrás, no entanto como todo presente é fundado pelo passado a Museologia LGBT hoje só pode existir por que caminhos previamente foram traçados, tanto na museologia quanto no ativismo LGBT na luta por direitos.

O museólogo e poeta Mário Chagas, nos esclarece em sua obra *Imaginação Museal: museu, memória e poder* em Gustavo Barroso, Gilberto Freire e Darcy Ribeiro (2003) as possibilidades de análise dos acervos museológicos a luz do pensamento social brasileiro, baseado em uma reflexão sobre os acervos e instituições a partir de suas análises contextuais para além das características intrínsecas dos objetos. O autor argumenta para além dos objetos, e para além das materialidades implícitas nas construções destes acervos e instituições. A imaginação museal de que nos diz Mário Chagas aborda em perceber as narrativas de determinados sujeitos sobre as coisas, ou segundo o autor:

Objetivamente a minha sugestão é que a imaginação museal configura-se como a capacidade singular e efetiva de determinados sujeitos articularem no espaço (tridimensional) a narrativa poética das coisas.[...] Em síntese: é preciso iniciar-se na "linguagem das coisas" [...] tecnicamente ela refere-se ao conjunto de pensamentos e práticas que determinados atores sociais de "percepção educada" desenvolvem sobre os museus e a museologia. (CHAGAS, 2003, p. p.64)

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

O conceito em questão poderia ser reduzido à análise de um “conjunto de pensamentos e práticas” (p.20), no entanto como poeta, vemos em seu texto o desenvolvimento do conceito muito além do determinismo técnico dos museus, mas necessariamente sobre o que se sonha/idealiza nos/sobre os mesmos. Que museus queremos? Que Museologia defendemos? Estas não são perguntas fáceis de se responder, mas um caminho importante para a elucidação dessa questão é compreender que museologias se formaram antes desta que tentamos construir.

Nesta imaginação museal bebemos da fonte dos anos 1970, em uma realidade de ditaduras e perda de direitos, a museologia organizou um importante evento em Santiago onde foram desenvolvidos princípios de base para o conceito de museu integral, cujo objetivo visava uma “mutação da América Latina” através dos museus rurais e museus de cidade, voltados a valorização da vida e desenvolvimento social. Ainda nesse sentido, também somos formados pelos avanços dos anos 60, especialmente a Revolta de Stonewall em 1969, essencial para a organização dos movimentos sobre sexualidades dissidentes organizados nos anos 70, tendo influenciado a criação do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) em 1978.

Os anos 80 foram importantes com o surgimento do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM, 1984), e os anos 90 vão subsidiar um caminho teórico essencial para o desenvolvimento de questionamentos a uma museologia normativa, a sociomuseologia (1993).

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo. (MOUTINHO, 2014, p.423)

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

As décadas de 80 e 90 foram marcadas ainda pela epidemia de HIV/AIDS, em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A construção da memória da epidemia de AIDS e seus desdobramentos. : Qual o lugar dos museus nessa história? (2020) Alex Padilha traz um apanhado teórico importante sobre a construção do imaginário da epidemia associado à comunidade LGBT, os movimentos de resistência e valorização da vida e o silêncio dos museus diante de uma epidemia. Ler o trabalho de Alex em conjunto aos teóricos da Sociomuseologia em uma nova realidade pandêmica, traz uma perspectiva do quanto avançamos enquanto grupos sociais organizados, mas também do quanto precisamos avançar no campo dos museus para que essas instituições dialoguem com o presente e atuem de forma corajosa diante das demandas da sociedade.

As décadas de 2000 e 2010 são marcadas por avanços nas políticas e debates sobre a luta LGBT no mundo, no Brasil especificamente temos a criação do primeiro museu cuja temática central é a diversidade sexual (Museu da Diversidade Sexual, São Paulo, 2012), criação da Rede de Memória Lgbt e Museologia Social (2012). No texto Por uma Primavera nos Museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país (2018) Boita e Baptista elencam as experiências museológicas da década de 2010 que contribuíram com o debate e o avanço de uma Museologia LGBT.

O futuro que imaginamos já começou

Neste momento, vivemos em um país diante de constantes ataques à população LGBT, a desvalorização dos patrimônios nacionais e ao desmonte do campo da cultura. Em nível global enfrentamos há mais de um ano uma pandemia que se reinventa em novas variantes, aprofundando processos de desigualdade e nos impondo novos desafios na forma de viver. É neste momento triste e desafiador que temos acompanhado o aprofundamento das desigualdades também reproduzido no campo dos museus, tornando realidades que já eram duras em insuportáveis. No

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

entanto, cabe destacar que os movimentos organizados como forma de resistência , e sobretudo como valorização das existências, não surgiram agora, embora tenham precisado se articular mais ativamente. A Museologia LGBT trata de se posicionar em oposição a uma museologia normativa, hetero e cis centrada. A Rede de Museologia Kilombola se posiciona em oposição a uma museologia branca eurocentrada. Vemos com bons olhos o surgimento e consolidação de Museologias que não consideramos novas, mas dissidentes, à medida em que se opõem a uma hegemonia vigente do campo dos museus.

No bojo do questionamento de matrizes hegemônicas compreendemos que um caminho importante na construção de futuros é também o espaço de formação de novos e novas museólogas. Nesse sentido, celebramos em 2020 a primeira década de existência do curso de Museologia da UFSC, organizando sobretudo nossas ações de atualização à sociedade e aos tempos em que vivemos. O desafio de formar museólogas e museólogos críticos é diário, e precisa estar articulado com o campo dos museus, por isso temos ao longo dos últimos quatro anos aprendido com museus comunitários e outras experiências museológicas que constroem diariamente uma Museologia conectada à vida. Compreendemos neste curso que determinadas pautas precisam ser práticas, mais do que discursos, não pretendemos apontar conclusões de como solucionar este desafio, mas temos nos esforçado em pensar caminhos para tal, para não ser repetitiva deixarei as especificidades das atividades do curso em outro ensaio desta edição intitulado Museologia e cotidiano: a experiência do curso de Museologia da UFSC no acolhimento às diversidades

Termino esse breve texto com o mesmo autor com que iniciei esta reflexão. Mário Chagas certa vez afirmou que “museus que não servem para a vida não servem para nada”, em sua reflexão sobre museus biófilos ou necrófilos, tal pensamento é decorrente de uma trajetória longa de estudos e atuação na museologia. Nesse

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

sentido, consideramos que onde estamos é terreno aberto por outras mãos, inclusive na Museologia, e se os museus ainda são locais de uma hegemonia branca cis heterocentrada, precisamos demarcar que existimos, e que nossos passos apontam para um futuro, e por isso a Museologia nunca mais será a mesma. Existir para Resistir, sempre!

Referências:

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Por uma Primavera nos Museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo País. *Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília, n. 13, p. 252-262, 2018.

CHAGAS, Mario de Souza. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. 2003

MOUTINHO, Mário C. Definição evolutiva de sociomuseologia: proposta de reflexão. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 27, n. 41, p. 423-427, 2014.

SOUZA, Alex Godoy Padilha de et al. A construção da memória da epidemia de AIDS e seus desdobramentos: Qual o lugar dos museus nessa história?. 2020.

SOBRE AS AUTORIAS:

Thainá Castro, Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora e Coordenadora do Curso de graduação em Museologia da Coordenadoria Especial de Museologia (CEM/UFSC). E-mail: thainacastrocosta@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0106-348X>

A imaginação museal do futuro ou caminhos para uma Museologia Dissidente

THAINÁ CASTRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.1 ANO 2023

RECEBIDO em: 23/07/2022

APROVADO em: 20/08/2022